

UM

"Senhores passageiros, por favor, mantenham-se em seus lugares. Dentro de alguns minutos, pousaremos no Dulles International Airport, em Washington, nos Estados Unidos."

Por alguma razão, no meio do auditório lotado da universidade, a caminho da mesa diretora para receber o diploma de mestre, Kaloã se lembraria desse aviso da comissária de bordo do voo 137, da Transbrasil.

Como quem não acreditava que estivesse quase tocando o solo americano, abriu o para-sol da janelinha do avião para olhar curiosamente a "América" passando sob os seus pés. Uma vegetação baixa e seca circundava o aeroporto. Engraçado. Era como se chegasse a Santo Antônio de Jesus, na Bahia, nos meses de estiagem, e não às terras do Tio Sam. Um sentimento de distância e de saudade se apoderou dele — do Brasil, da família e dos amigos —, o mesmo que o perseguiu por toda a viagem. Sentiu-se perdido em meio ao emaranhado de pensamentos conflitantes. De um lado, toda a expectativa em torno da nova vida e do objetivo traçado; do outro, a preocupação com a longa caminhada à frente, a barreira da língua, a cultura estranha e as dificuldades que inexoravelmente surgiriam.

Confortava-o, porém, saber que uma tia iria recebê-lo e, supostamente, dar-lhe todo o apoio.

Com uma sacudidela e um guinchar de pneus, o Boeing bateu na cabeceira da pista a mais de 200 quilômetros por hora. Seguiu-se o barulho ensurdecido da reversão das turbinas para frear. Só aos poucos foi reduzindo a velocidade; não tardou, a aeronave taxiava placidamente na pista. O dia, 29 de março. O ano, 1997. Sábado, sete e meia da manhã, em Washington, o coração do “Império Americano”. Kaloã precisava atrasar o relógio em três horas. Passageiros apressadinhos começaram a se levantar. Pelos alto-falantes, a comissária insistia para que se mantivessem sentados “até a paragem total da aeronave”.

No momento do desembarque, a chicotada gélida de um vento frontal quase o fez recuar. Enrijeceu-se dentro da calça jeans e abotoou a camisa de mangas compridas até a última casa, aprumando-se qual fosse ao embate com o inimigo invisível. Com o sorriso de praxe, uma das aeromoças lhe agradeceu por voar pela Transbrasil e lhe desejou um bom-dia. Kaloã foi descendo pela escada, olhando para os lados, ansioso para encontrar a tia.

Ao passar pelo serviço de imigração, a primeira dificuldade: não conseguiu entender direito as perguntas da oficial mal-humorada, metida num uniforme negro, com o escudo da águia americana no peito e uma intimidadora pistola na cintura. Procurou se lembrar das frases que havia decorado. Falando também com as mãos, mostrou os documentos — passaporte, visto, I-20 da escola, endereço de onde iria se hospedar. Sem olhá-lo nos olhos, a oficial conferiu a documentação, checkou no computador alguns dados, e, decorridos um minuto ou dois, que pareceram horas, carimbou o passaporte.

A “América” lhe abriu as portas.

Após pegar a bagagem, atravessou a porta da área de desembarque e chegou a um grande salão, que supunha ser o de espera. Tanta gente indo e vindo, uns chegando outros partindo, uns chorando, outros sorrindo. Ficou atento a palavras soltas pelo ar, em vão;

não conseguia entender nada. Olhou para os quatro cantos e não viu a tia. “Será que este é realmente o lugar certo para esperá-la?”, surgiu a dúvida. Tentou dirimi-la falando algumas palavras em inglês com uma funcionária do aeroporto. Não conseguiu se fazer entender. A funcionária, diante da incomunicabilidade, chamou outra colega que falava espanhol para tentar ajudá-lo. A mulher, falando pausadamente, disse-lhe que esperasse ali mesmo. Kaloã ficou mais tranquilo. Quarenta minutos depois, a tia chegou.

“Que alívio!”

Não deixou de reparar o quanto Maria Adélia havia mudado e estava envelhecida. A última vez que a viu, se não estava enganado, contava mais de dez anos, na fazenda Vila Ferreira, quando lá esteve com o marido em lua de mel. Parecia uma menina.

— Imaginou que não vínhamos? — perguntou ela sorrindo e o abraçou afetuosamente, sob olhares tímidos do marido Stephen Sòng e dos dois filhos, Jonathan e Jennifer, de 4 e 5 anos, respectivamente, que estavam ao lado.

Demonstravam certo acanhamento diante daquele primo que somente conheciam por meio de fotografias. Kaloã os cumprimentou acarinhando os cabelos de ambos e em seguida apertou a mão de Sòng. Sentiu-se envergonhado por não saber falar quase nada em inglês. Que bobagem! Sòng também não falava quase nada em português, embora fosse casado com uma brasileira e visitasse o Brasil de vez em quando. Desse modo, Kaloã se esforçou para parecer simpático e até arriscou uma frase simples num inglês desajeitado, quase “baianês”, sob o riso faceiro da tia e o olhar discreto e tímido das crianças.

— *How are you, Sòng?*

Ele sorriu amigavelmente e, inclinando a cabeça um pouco para frente, respondeu:

— *You are welcome, Kaloã!*

Voltou-se para a tia como se lhe pedisse a tradução.

“Seja bem-vindo”, disse compenetrada.

E acrescentou:

— Como você está bonito! A cara do pai.

Observara que o sobrinho estava mais forte, os músculos aparentes, 1,77 metro — calculara mentalmente —, comparando-o com o marido que era mais baixo e mais feio também. Kaloã tinha os cabelos cortados como militar, os olhos grandes, e estava queimado de sol, o que acentuava ainda mais a morenice. Em nada se parecia com aquele “frangote” espirituoso do último encontro, na fazenda. O nariz afilado, os lábios grossos e uma fina cicatriz abaixo do nariz, resultado da perseguição a uma porca quando ainda era muito pequeno. Enganchara-se na cerca de arame farpado e precisou ser levado ao hospital. O fato é que esse baiano não se queixava da aparência.

— Obrigado.

Pegou a mala, o violão, e os acompanhou em direção ao estacionamento.

Na verdade o que ele mais queria no momento era chegar à casa da tia. Estava exausto e moído pelas 10 horas de voo de Salvador a Brasília e a Washington, sentado como se o tempo lhe fosse delatar àquela poltrona monótona para que nunca mais chegasse ao destino. As pernas não se aguentavam mais de pé. O carro era um Toyota verde-esmeralda, seminovo e confortável. Acomodou-se no banco de trás, depois de colocar a bagagem no porta-malas e o violão no colo. Seguiram para Germantown, no estado de Maryland. Só podia conversar com Maria Adélia. Ia-lhe contando as novidades da Bahia e da família. Falou sobre o último Carnaval, os jogos da NBA (National Basketball Association) que assistia pela TV, finalmente sobre a vassoura-de-bruxa que devastava a região cacauceira, sem perder de vista as árvores secas das cercanias, à porta da primavera. Pareceu-lhes tristes, como ele mesmo estava, e o olhar o denunciava, posto a cada sítio, aos carros, às casas, às placas de sinalização, à estrada impecável, como todas, aliás, por quais passaria adiante: largas, conservadas, sinalizadas e com os canteiros muito bem cuidados. Não havia como não compará-las às da Bahia — BR-101 e 116, por onde se dirigia à Vila Ferreira, nas visitas que fazia aos pais.

Como se pudesse se familiarizar com tudo aquilo num só instante, a pressa do saber, do ter de aprender rapidamente, não parou de fazer todo tipo de perguntas a Maria Adélia durante o percurso de 50 minutos até Germantown, norte de Washington. As crianças permaneciam comportadas e brincando no banco traseiro. Stephen Sòng dirigia a maior parte do tempo calado, fazendo alguns apertes, pela mulher, como que para deixá-lo à vontade. Não seria assim para sempre.

Chegaram.

— Como Brasília, Washington é rodeada por várias cidades: Germantown, Silver Spring, Rockville e Gaithersburg, dentre outras, tanto do lado de Maryland como do de Virgínia — explicou-lhe a tia, às vezes confundindo algumas palavras em português, misturando-as com outras em inglês.

Seguiram para o Shakespeare Boulevard, área residencial implantada recentemente, à rua Queen Terrace, nº 1.275. De longe, Maria Adélia lhe apontou a casa bege, com telhado em V, no final da rua, circundada por mais três, com uma grande área de circulação de veículos ao centro, seguindo o modelo padronizado das construções americanas. Saltaram do carro. Kaloã esticou os braços, coçou a cabeça e ficou observando o lugar. Tudo tão calmo! A rua limpa e arborizada. Uma bela casa sem dúvida. Mediana para os padrões locais, com design e estrutura parecidos com as outras vizinhas, rodeadas por um pequeno jardim gramado. “Gostei”, disse ao vento com voz particular e inaudível. Maria Adélia o convidou a entrar. Antes, ele tirou a bagagem do porta-malas do carro e a levou até a sala de estar decorada. Esquadrinhou-a de cima a baixo, olhou em volta o branco-gelo das paredes, o lustre antigo caindo do teto, as vidraças da janela, o piso de madeira, os móveis, a lareira... Um cachorro pé-duro, acinzentado e feioso, de pelos eriçados, correu para debaixo da mesa ao vê-lo se aproximando.

— Brad não gosta muito de visitas — disse-lhe Maria Adélia, meio sem jeito.

— Já percebi — respondeu, sentindo o bodum entontecedor do animal.

— Venha, vou lhe mostrar o seu quarto.

Desceram alguns degraus até o *basement*: acarpetado, com banheiro, *closet*, escrivaninha, computador, televisor, frigobar e uma porta lateral independente, por onde poderia entrar e sair do quarto sem passar pelos outros cômodos da casa. Estava arrumado e cheiroso, com brinquedos das crianças jogados pelos cantos.

— Fique à vontade. Daqui a pouco, vamos almoçar — disse-lhe a tia para, em seguida, retirar-se do quarto, deixando-o sozinho.

Kaloã pôs o violão no chão, encostado à parede, e a mala sobre a cama de casal. Abriu-a para logo guardar as roupas no armário embutido de duas portas. Tirou com cuidado, do fundo da mala, um porta-retratos com uma foto dos pais e dos irmãos reunidos num almoço, na fazenda, quando ainda podiam se encontrar a qualquer hora, sem que para isso precisasse de tanta saudade, colocou-o sobre a escrivaninha. Sentia-se menos assustado agora com a acolhida daquela família bem mais americana do que brasileira. Talvez as dificuldades não fossem tantas como havia pensado. Depois, apanhou uma toalha branca que estava sobre a mesa, que tinha separado previamente, para tomar banho. Para quem chegava de Salvador, de clima quente e agradabilíssimo, o frio que fazia lhe pareceu grande demais. Jogou-se sob o chuveiro, a água estava pelando, o que não impediria de bater o queixo à saída do banheiro. Vestiu-se com uma roupa de lã, pouco mais quente do que a anterior, e subiu à sala de estar. Maria Adélia percebeu que as vestimentas dele não estavam de acordo com o frio que fazia:

— *Peraí*, que tenho uma coisa *pra* você. Foi até o quarto e lhe trouxe uma jaqueta preta de couro. — Vista isso, vai se sentir mais confortável.

— É, está fazendo muito frio. Obrigado.

— E já não estamos no inverno rigoroso.

— Nossa! Nem posso imaginar como deve ser.

Conversou alguns minutos com a tia e saíram para almoçar num

restaurante chinês. Não era o seu preferido, gostava de uma comida mais forte — feijão, arroz, farinha e carne. Mas as crianças gostavam. Ele, Kaloã, ficou sem voto. De qualquer maneira, estava sem fome. Ainda não fizera as contas do fuso horário, portanto, deixou-se levar pelo estômago dos outros.

Após o almoço, foram ao cinema assistir *Liar Liar*, estrelado por Jim Carrey, ator canadense célebre por interpretar papéis cômicos. O filme devia ser muito engraçado porque todos davam muitas gargalhadas, à exceção de Kaloã que não entendia os diálogos nem as piadas e estava cansado demais para prestar atenção ao que acontecia na tela. Dormiu boa parte do filme. Voltaram para casa no finalzinho da tarde. Ele terminou de arrumar a bagagem, tomou outro banho e subiu para jantar. Estranhou um pouco a sopa pré-cozida e insossa de galinha comprada no supermercado. Tomou um copo de leite com um pedaço de pão. Após o café, andou para lá, andou para cá, mexeu com as crianças, afastou-se o máximo possível do cachorro, sorriu sozinho da cara feia que o bicho lhe fez, sentou-se no sofá, bocejou dez vezes. Estava com os olhos pesados de sono e o pescoço sem aprumo. Deu boas-noites a todos, agradeceu-lhes mais uma vez pela recepção calorosa e recolheu-se ao quarto. Ligou a televisão. “Que coisa chata!”, não entendia bulhufas, mudava de um canal para o outro e não via nada que lhe fosse familiar. Desligou-a, ligou-a novamente, desligou-a. Dormiu a seguir como uma pedra, como se uma pedra dormisse.

